

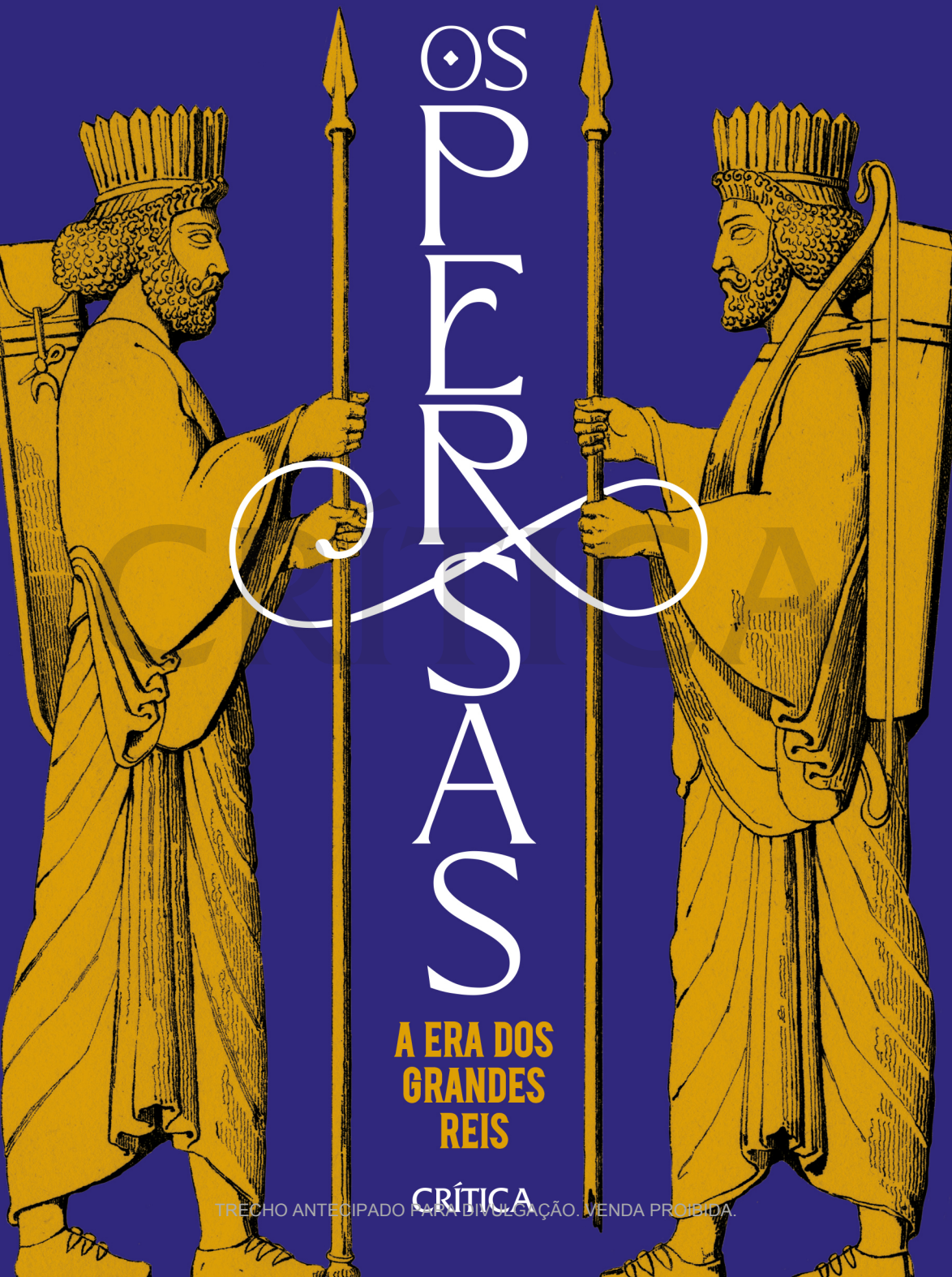
LLOYD LLEWELLYN-JONES

OS  
PER  
SAS

A ERA DOS  
GRANDES  
REIS

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



LLOYD LLEWELLYN-JONES

OS

P

E

R

S

A

S

CRÍTICA

*Tradução*

Renato Marques

*Revisão técnica*

Leandro Penna Ranieri

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Lloyd Llewellyn-Jones, 2022  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023  
Copyright da tradução © Adriana Novaes, 2023  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *Persians: The Age of the Great Kings*

*Coordenação:* Sandra Espilotro  
*Preparação:* Tiago Ferro  
*Revisão:* Ana Maria Fiorini e Carmen T. S. Costa  
*Diagramação:* Negrito Produção Editorial  
*Capa:* Anderson Junqueira  
*Imagem de capa:* Old Book Images / Alamy Stock Photo  
*Caligrafia da epigrafe:* Farnaz Moshenpour  
*Mapa e árvore genealógica:* Tim Peters  
*Ilustrações:* Kateryna Kylitska

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Llewellyn-Jones, Lloyd  
Os persas: a era dos grandes reis / Lloyd Llewellyn-Jones; tradução de Renato Marques. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.  
480 p., [16] p.: il.

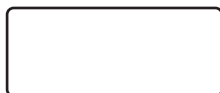
Bibliografia  
ISBN 978-85-422-2384-2  
Título original: *Persians: The Age of the Great Kings*

1. Irã – História. 2. História antiga. I. Título. II. Marques, Renato.

23-5207

CDD 955

Índice para catálogo sistemático:  
1. Irã – História



Ao escolher este livro, você está apoiando o  
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.  
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação  
São Paulo – SP CEP 01415-002  
www.planetadelivros.com.br  
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# SUMÁRIO

<i>Lista de ilustrações</i>	9
<i>Árvore genealógica</i>	13
<b>Prólogo: Persépolis, 488 a.e.c.</b>	15
<b>Introdução</b>	19
<b>Parte 1: O estabelecimento do império</b>	45
1. Os medos e os persas	49
2. Vede! Eis que vem o herói conquistador	65
3. As muitas mortes – e nascimentos – de Ciro, o Grande	93
4. O cetro do Egito	107
5. A Verdade e a Mentira	119
<b>Parte 2: Ser persa</b>	143
6. Quando os burocratas mandavam no mundo	147
7. Uma corte em tendas	169
8. A construção da majestade	177
9. Escravidão com outro nome	189
10. Coroas e concubinas	197
11. A política da etiqueta	219
12. Assim falou Zaratustra	229

<b>Parte 3: Alto Império</b>	249
13. Dario sai de cena	253
14. Governar heróis	261
15. Desamarrai os cães de guerra!	273
16. As relações perigosas	293
17. Os tempos estão mudando	305
18. Famílias (in)felizes	321
19. Irmãos de sangue	331
20. Mulheres, cuidado com as mulheres	351
21. Violentos prazeres têm fins violentos	367
22. Alguns falam de Alexandre	385
<b>Epílogo: Passado persa, presente iraniano</b>	407
<i>Dramatis Personae: os personagens principais dos acontecimentos</i>	431
<i>Leituras complementares</i>	443
<i>Notas sobre as abreviações</i>	451
<i>Agradecimentos</i>	453
<i>Sobre o autor</i>	457
<i>Índice remissivo</i>	459
<i>Mapa</i>	477

## OS MEDOS E OS PERSAS

Cerca de 5 mil anos atrás, povos tribais nômades da Eurásia Central se fixaram no planalto iraniano. Migrantes pastoris cuja principal ocupação era a criação de gado, tinham a pecuária como o centro de seu mundo; as cabeças de gado eram suas posses mais valiosas e, como sustentáculo essencial da vida, proteger e cuidar delas era um dever quase religioso. Os nômades que pastoreavam o gado em cercados, currais ou estábulos comuns pertenciam ao mesmo *gotra*, termo muito antigo que significa “descendente de um mesmo ancestral”. Em outras palavras, os nômades se identificavam primordialmente em tribos ou clãs ancestrais, e era a ordem tribal que fornecia uma sensação de harmonia à sua frágil existência. Os ladrões de gado eram desprezados. Por serem forças do mal que perturbavam a ordem da vida e destruíam a confiança tribal, eram perseguidos, punidos e mortos. Quando instigados, migrantes eurásianos podiam ser bastante belicosos.

Os nômades migrantes se identificavam como *arya*, “arianos”, rótulo linguístico étnico para grupos de povos que circulavam pela região geográfica conhecida como *Āryāvarta* – “morada dos arianos” –, vasta área topográfica que se estendia por milhares de quilômetros ao longo de toda a Ásia Central. Muitos filólogos concordam que *arya* originalmente significava “hospitaleiro”, “nobre”, “família” ou “senhor”, palavras que enfatizam a vida comunal e as estruturas hierárquicas das comunidades nômades. A palavra (e o conceito) “ariano” nada tem a ver com raça. Hoje tendemos a marginalizar o termo por causa de sua sinistra conexão com a extremista ideologia fascista. Os nazistas sequestraram a palavra

“ariano” no final da década de 1920 e, numa grosseira perversão, usaram-na como um conceito étnico temível que expressava a superioridade racial caucasiana, especificamente germânica. “Ariano” tem significado *apenas* como uma expressão linguística. “Ariana” (Aryānā, “terra dos arianos”) forma a fonte etimológica do nome “Irã”.

Esses arianos – ou protoiranianos, como hoje são mais conhecidos – falavam o avéstico antigo, a mais ancestral língua preservada do sub-ramo iraniano da família indo-europeia e língua irmã do sânscrito. Foi o ancestral direto do persa antigo. Semelhanças semânticas especialmente próximas podem ser encontradas entre o avéstico antigo e o sânscrito, o que demonstra origens comuns dos arianos do Irã e da Índia. Veja a lista de palavras e observe os valores sonoros comuns:

INGLÊS	AVÉSTICO	SÂNSCRITO
cavalo	<i>aspa</i>	<i>asva</i>
gado	<i>pasu</i>	<i>pasu</i>
vaca	<i>gav</i>	<i>go</i>
terra	<i>bumi</i>	<i>bhumi</i>
homem	<i>nar</i>	<i>nar</i>
mulher	<i>jani</i>	<i>jani</i>
irmão	<i>brater</i>	<i>bhrata</i>
filho	<i>puthra</i>	<i>putra</i>
filha	<i>dugedar</i>	<i>dubitar</i>
exército	<i>haena</i>	<i>sena</i>

As primeiras evidências datáveis de um ramo de protoiranianos que falavam o avéstico antigo datam de cerca de 1300 a.e.c., época em que esses povos arianos começaram a se deslocar para o sul, longe de suas terras tradicionais na Ásia Central. Conforme o faziam, a migração em massa se dividiu, e alguns povos se estabeleceram na Índia e outros no Irã. A Índia desempenha um papel crucial na história ariana e está intrinsecamente ligada ao nosso conhecimento cada vez maior acerca das migrações nômades, sobretudo com relação às ideologias religiosas que deram sustentação às culturas iranianas e indianas posteriores. As orações sagradas, os hinos e os rituais contidos no *Avesta*, os ensinamentos

sagrados dos primeiros arianos iranianos, encontram pronta reflexão no *Rig-Veda*, o mais importante compêndio de ensinamentos religiosos no mundo indiano primitivo. O *Avesta* e o *Rig-Veda* surgiram de um ancestral comum.

Com base na análise linguística, sabemos que esses primeiros colonos faziam parte da família dos falantes indo-europeus. O avéstico e o sânscrito falado pelos primeiros arianos encontram eco em muitas outras línguas, incluindo grego, latim, inglês, francês, galês e outras 440, o que é impressionante. Qualquer falante de uma língua europeia contemporânea que pretenda aprender o persa moderno deve se animar ao saber que o idioma é bastante direto. O aprendiz logo encontrará vocabulário com o qual está familiarizado, e descobrirá que palavras e sons são compartilhados no tempo e no espaço por essa família linguística amigável com os iniciantes:

*pedar* (pai; *father* em inglês; *pater* em latim); *mader* (mãe; *mother* em inglês; *madre* em espanhol); *dokhtar* (filha; *daughter* em inglês; *tochter* em alemão); *bardar* (irmão; *brother* em inglês; *brawd* em galês); *mordan* (morrer; *to die* em inglês; *mourir* em francês); *bordan* (portar; *to carry* em inglês; *portar* em espanhol); *nārange* (laranja; *orange* em inglês; *naranja* em espanhol); *div* (diabo; *devil* em inglês; *diavolo* em italiano)

Ao todo, existem cerca de 265 palavras cognatas persas com esse mesmo funcionamento.

Como todos os outros grandes movimentos populacionais, passados e presentes, o ímpeto para a migração ariana foi uma questão de sobrevivência. Mudanças climáticas, superpopulação e escassez de recursos nas terras ancestrais, somadas às ambições militares de reis e senhores da guerra, criaram uma combinação de circunstâncias de descontentamento cuja consequência foi forçar as pessoas a migrar. O deslocamento dos protoiranianos aconteceu em pelo menos três etapas, cada movimento assumindo caráter próprio. O primeiro tipo de migração foi representado pela lenta infiltração Irã adentro de famílias de criadores de gado que voluntariamente se desenraizaram de suas terras ancestrais e fizeram a penosa jornada rumo ao planalto iraniano. Elas não tinham



um plano, mas se contentavam em vagar até encontrar um espaço onde pudessem residir e que oferecesse segurança e boas pastagens para os animais. Em geral, mantinham relações amistosas com as populações locais e não representavam nenhuma ameaça às sociedades sedentárias em cujos territórios passavam a viver.

O segundo tipo foi um êxodo em massa de tribos lideradas por um bem organizado exército de guerreiros. Durante essa segunda onda migratória, milhares de pessoas se deslocavam simultaneamente em vastas colunas humanas e avançavam lentamente Irã adentro. Batedores e guerreiros “limpavam” os caminhos, eliminando qualquer resistência. A maioria das pessoas ia a pé, carregando trouxas nas costas; conduziam mulas e burros vergados sob o peso de tudo o que era necessário para estabelecer residência. Camelos transportavam as tendas e os tapetes que serviriam de acomodações, e havia também enormes carroças, puxadas por poderosos, pesados e vagarosos bois de chifres compridos, em cujo lombo empilhavam-se precárias pilhas de víveres e provisões, caldeirões de bronze e baús de madeira. No topo empoleiravam-se crianças pequenas, novas demais para caminhar, e felizes pela oportunidade de pegar carona e tirar uma soneca. As crianças mais velhas eram encarregadas de pastorear os animais – cabras, ovelhas e bois, bem como potros e mulas jovens – e mantê-los a uma distância segura dos inúmeros perigos da viagem: ravinas, avalanches e rios, além de leões, leopardos, raposas e lobos, presença comum de uma ponta à outra da Eurásia e do Irã. Por toda parte ouvia-se o estrépito dos sinos de bronze amarrados ao pescoço dos animais, tinindo, tilintando e repicando, o que criava uma sinfonia pastoril ambulante. Para cumprir suas tarefas de pastoreio, as crianças contavam com o auxílio de cães – altos e musculosos mastins cujos nomes – “Expulsa-males”; “Agarra-inimigos”, “Não pense, morda!”, “Inimigo rancoroso!” ou “Latido estridente!” – desmentiam o fato de que com os mais jovens eles eram afáveis, brincalhões e sentimentais.

Por fim, a última fase da migração foi caracterizada pelos movimentos massivos de nômades equestres. Deve ter sido um tremendo espetáculo contemplar os milhares de cavaleiros e seus corcéis trovejando ao longo da paisagem. Esses povos viviam montados na sela. Não tinham e não precisavam de edificações onde residir, pois passavam a vida em cima de um cavalo. Decerto os protoiranianos podiam ser um grupo

belicoso, e devemos resistir à tentação de pensar que eram pacifistas pastoriais amantes da natureza. Os cavaleiros da estepe que entraram no Irã eram ferozes. Suas tribos e clãs se confrontavam em combates frequentes e cruentos, sobretudo quando a seca ou a neve arruinavam os pastos e matavam seu rebanho, de modo que o ataque a animais de outras tribos se tornava uma necessidade. O *Avesta* nos fornece um rico vocabulário das técnicas de combate e armamento de que eles dispunham, incluindo: exército (*spāda*), linha de batalha (*rasman*), arqueiros (*thanwani*), cordas de arco feitas de tripa de gazela (*jiyā*), aljavas com espaço para guardar e transportar trinta flechas (*akana*), fundas (*fradakhshanā*) e pedras de funda (*asan fradakhshanā*), bem como capacetes (*sārawāra*), cintos (*kamara*), selas de cavalo (*upari-spāta*), chicotes de cavalo (*ashtra*) e cavalos de batalha velozes (*arwant*). O domínio dos cavalos e, graças ao uso de freios de bronze, sua capacidade de formar unidades de cavalaria livres dos desajeitados carros de guerra permitiram aos primeiros protoiranianos se deslocar rapidamente para ocupar novos territórios.

Os nômades cavaleiros da Eurásia e seus descendentes persas eram mestres em manusear o arco e flecha montados em cavalos em movimento. A principal técnica dos peritos em arquearia montada era lançar uma saraivada de setas enquanto galopavam num ritmo alucinante em direção ao inimigo e, no último momento, fazer um giro de pivô para, fingindo recuar, se voltarem contra seus inimigos e continuarem a desferir flechadas, equilibrando-se sobre a garupa do cavalo que desembestava em disparada para longe. Apenas um cavaleiro com muito equilíbrio e boa dose de experiência e conhecimento de montaria seria capaz de executar essa estratégia, sobretudo quando a extraordinária façanha era feita em lombos sem sela ou estribos. Valendo-se apenas de rédeas e do aperto das coxas, um bom cavaleiro conseguia controlar o movimento do cavalo e até mesmo atirar ao mesmo tempo várias flechas certas, todas em linha reta e apontadas com precisão milimétrica contra o inimigo. O chamado “disparo parta” (alcunha que recebeu mais tarde) era possível graças ao uso de um pequeno e versátil arco composto. Um *tour de force* tecnológico, o arco era uma diminuta e compacta máquina de matar, que revolucionou a guerra de cavalaria e desempenhou um importante papel na conquista eurásiana do Irã e na subsequente construção do Império Persa.

Os aristocratas guerreiros distinguiam-se pela posse de cavalos. Símbolos óbvios de status e riqueza, estavam intimamente ligados à ideologia tribal e à imagem do guerreiro modelar. A importância dos cavalos entre a nobreza é especialmente evidenciada pelo fato de muitos nobres terem nomes próprios formados com a palavra em persa antigo para “cavalo”, *aspa* – por exemplo, Vištāspa (ou Vishtāspa, “tem cavalos de corrida”), Satāspa (“tem centenas de cavalos”), e Aspabāra (“transportado por um cavalo”).

Rumando para leste seguindo o rio Oxus, alguns desses emigrantes cavaleiros se estabeleceram nos oásis da região montanhosa – tornaram-se o que em persa antigo eram chamados de *Bahtriš* (bactrianos) e *Suguda* (sogdianos). Outros perambularam mais ao sul, percorrendo as bordas das montanhas e colinas da área que hoje é a fronteira entre Irã e Afeganistão – eram os *Harahuvatiš* (aracosianos), os *Haraiva* (areianos) e os *Zranka* (drangianos). O derradeiro grupo de povos entrou no planalto iraniano propriamente dito, estabelecendo bases no nordeste – os *Parthava* (partas ou partos); na área centro-norte nas imediações da cordilheira Elburz – os *Māda* (medos); e dentro das montanhas ocidentais de Zagros – os *Pārsa* (persas).

É claro que humanos se estabeleceram no planalto iraniano muito antes de as tribos eurásianas chegarem lá. As pessoas já viviam no Irã em 10000 a.e.c. Por volta de 6000 a.e.c., já haviam criado prósperas comunidades agrícolas e pequenos povoados que se desenvolveram para dar lugar a cidades muradas bem defendidas, típicas dos assentamentos do Oriente Próximo na Mesopotâmia. Havia os cassitas, que se estabeleceram nos verdejantes vales ribeirinhos das montanhas de Zagros; os uxianos, que controlavam as planícies de Zagros nos arredores de Susa; os lulubianos, no sudeste do Curdistão; os gútios, que habitavam a alta cordilheira de Zagros coberta de neve; os maneus (maneanos ou manais), no nordeste do Curdistão; e os hurritas (ou hurrianos) no escarpado norte da cordilheira de Zagros, perto do lago Urmia.

Dos povos sedentários do planalto iraniano, os mais importantes e mais influentes em termos culturais eram os elamitas, que viviam nas vastas planícies do sudoeste do Irã. Notáveis e respeitáveis, ocupavam as terras baixas das montanhas de Zagros desde 3000 a.e.c., o que fazia deles um dos povos mais longevos e culturalmente significativos

da Mesopotâmia. Tinham suas próprias língua e escrita cuneiforme, embora, curiosamente, a língua elamita não tivesse parentes linguísticos na região mesopotâmica. Nosso conhecimento do vocabulário e gramática elamitas não é muito aprofundado e, em muitos aspectos, Elam é a civilização mesopotâmica que ainda aguarda ser descoberta.

Os elamitas eram mestres da construção. Sua maior maravilha arquitetônica está situada perto da grande capital murada de Elam, Susa (a atual Sush, na fronteira Irã-Iraque): o magnífico zigurate de Chogha Zanbil (Dur-Untash, ou “Cidade de Untash”, em elamita), imponente monumento de 53 metros de altura, um complexo de templos em formato de pirâmide escalonada datado de 1250 a.e.c. Era aqui que os deuses do panteão elamita eram adorados em diferentes santuários. Situado entre bosques sagrados de árvores divinas, o local incluía um quarteirão régio, onde três palácios monumentais foram desenterados. O zigurate em si era considerado a morada terrena de Inshushinak, o deus-touro de Susa, divindade muito amada pelo rei elamita Untaş Napiriša (ou Untash-Napirisha), que começou a construir essa verdadeira obra-prima. Hoje é o zigurate mais bem preservado que existe, um monumento à engenhosidade e ao poder político elamitas.

Ao longo de sua história, os elamitas lutaram com ferocidade por autonomia. Testemunharam muitas incursões agressivas de babilônios e assírios, mas, em alguns momentos, governaram grande parte do Crescente Fértil, assolando a Babilônia com investidas e ataques de guerrilha. Elam recusou-se a se curvar à autoridade do último grande governante assírio, Assurbanipal, e, como consequência, a cidade de Susa foi reduzida a escombros. No entanto, com a queda da Assíria em 612 a.e.c., a cultura elamita testemunhou um admirável renascimento, e Susa foi amorosamente reconstruída, tijolo vitrificado sobre tijolo vitrificado. Elam teve papel importante na história e cultura da Mesopotâmia. Era um centro de pensamento e identidade da Mesopotâmia, embora cultivasse suas próprias ambições de autoidentidade e independência.

Os povos nativos sedentários do Irã acolheram os primeiros nômades eurásianos com extraordinária equanimidade e, de maneira geral, os dois grupos trabalharam juntos em harmonia. Não demorou a ficar claro que o estilo de vida nômade tinha vantagens sobre o dos fazendeiros e cidadãos. Diante de ataques ou ameaças de violência, sua riqueza

portátil – os preciosos rebanhos de bovinos e ovelhas mantidos com tanto cuidado – poderia ser rapidamente reunida e transferida. Em tempos de guerra, no entanto, os agricultores simplesmente suportavam a destruição de suas colheitas, ao passo que os colonos urbanos enfrentavam cercos militares brutais, a inevitável demolição de muralhas, pilhagem de bens e matança. Em tempos de paz, os nômades trocavam lã e carne por grãos, legumes, frutas e hortaliças dos agricultores, mas quando as colheitas não vingavam, os nômades podiam viver de forma autossuficiente com sua carne e laticínios e, em troca de alimentos, forçavam agricultores e metropolitas a lhes fornecer outras mercadorias desejáveis como ouro, ferro, incenso, especiarias, lápis-lazúli, turquesa e até mulheres. A partir dessa posição vantajosa, os nômades operavam um lucrativo esquema de proteção que logo se transformou em uma espécie de sistema de tributo-taxação.

Dos povos eurásianos que se estabeleceram no planalto iraniano, os mais prósperos foram os medos e os persas. Na imaginação popular, são muitas vezes amalgamados em um só, como se compusessem, em todos os sentidos, uma única unidade. Não era o caso. Embora compartilhassem um DNA comum e um bocado de normas e valores culturais, medos e persas tinham identidades idiossincráticas nitidamente distintas e operavam em contextos geopolíticos drasticamente separados, o que resultou na formação de duas mentalidades bastante diferentes. Para entender a maneira como os medos e os persas desenvolveram suas respectivas identidades, é preciso examinar as histórias formativas desses atores-chave no início da civilização iraniana e descobrir de que modo seus mundos se entrelaçavam.

\*

As muitas tribos que compunham os medos se estabeleceram numa imensa faixa de terra no norte do Irã, cerca de 36 mil quilômetros quadrados de montanhas e vales encravados entre o sul do mar Negro e o mar Cáspio. Eles perambulavam por esses árduos espaços, governando a região enquanto conduziam incessantemente seus rebanhos de ovelhas e cabras e manadas de bovinos e cavalos para boas pastagens, sempre tentando evitar o mau tempo, que poderia ser apocalíptico. Os medos eram experientes criadores de cavalos. Os cavalos pequenos,

troncudos e robustos, vicejavam bem nos pastos ricos em alfafa da Média. Os cavalos de qualidade superior eram criados na área da planície de Niseia (ou Nisa), e esses pequenos e magníficos corcéis, universalmente considerados os animais mais ágeis de todos, tornaram-se célebres por sua bravura e tenacidade. Uma autoridade, escrevendo da distante China, se mostrou impressionada o bastante para comentar que os cavalos chineses jamais seriam capazes de rivalizar com os de Niseia. Afirmou que eram excelentes em subir e descer montanhas e atravessar ravinas e enchentes. Eram, confirmou, os animais perfeitos para a vida nas montanhas.

Os medos tinham pouco conhecimento do mundo além das preocupações imediatas da vida nômade. Além da criação de cavalos, cuidavam de rebanhos de ovelhas, cabras e gado bovino, dos quais obtinham carne, leite e o esterco que era seco e usado como combustível para queimar. Os animais lhes forneciam a lã e o couro para fazer roupas, tendas, rédeas de cavalos e outros apetrechos, bem como tapetes. Eles simplesmente conduziam os animais pelos amplos vales e ravinas íngremes. Cada vale da montanha tinha sua própria tribo, governada por um câ que, quando não estava pastoreando rebanhos, parava numa pequena residência fortificada de pedra, cercada por tendas domésticas e currais. Um desses câs era Ciaxares, cujas terras se localizavam ao redor de Ecbátana, hoje a cidade de Hamadã, cerca de quatro horas de carro a oeste de Teerã. Era onde ele e sua tribo moravam, em tendas coloridas, ou *gers*, estruturas portáteis semelhantes a iurtas e absolutamente essenciais para a vida nômade. Os medos nunca construíram cidades e não tinham interesse em viver de forma sedentária; em vez disso, quando Ciaxares residiu em Ecbátana, sua tribo o acompanhou e se estabeleceu ao longo da planície em tendas e pavilhões feitos de tecidos. As tendas se espalhavam infinitamente pela paisagem.

Os medos gostavam de se reunir. Gostavam de festas, banquetes, música, jogos de dados, corridas de cavalos, caçadas, cantoria e contação de histórias. Sem dúvida, Ciaxares sabia algo sobre seus ancestrais por meio da narrativa dos bardos, os cantores-historiadores que guardavam a memória do passado, transformando viagens, escaramuças e casamentos em épicos contos de expedições aventureiras, guerra e romance. Se Ciaxares sabia de algo sobre sua herança e ascendência eurásianas, esse

conhecimento deve ter chegado a ele na forma de versos épicos declamados ao redor de uma fogueira.

Ciaxes era um líder temível. Guerreiro nato, tomava providências para se certificar de que a tribo estivesse bem preparada para a ação. O exército sob seu comando rechaçou com sucesso a incursão das forças citas no território medo, embora Ciaxes tenha lançado mão de alguns estratagemas ardilosos para assegurar a vitória: convidou os chefes citas para um banquete, no qual os embebedou, e depois os assassinou um a um. Em 625 a.e.c., Ciaxes já havia expulsado os citas das terras medas, depois de ter aprendido com eles novas técnicas de combate. Ao reorganizar seu exército tribal com base nos contingentes citas, o transformou em uma força de ataque letal.

Ciaxes morreu em 584 a.e.c., tendo tornado a Média um reino rico e poderoso. Pelos padrões da época, os medos não eram construtores de impérios, e nunca chegaram à realeza. Mas operaram com êxito um sistema de liderança e chefia de territórios que estimulou uma tradição de alianças tribais e autoridade congregacional. Astíages, filho de Ciaxes, sucedeu ao pai como “rei da Média” e, sem contestação, tomou as rédeas do poder, determinado a manter e expandir os limites do território medo. Em iraniano, Astíages era apropriadamente conhecido como *Rishti Vaiga* – “atirador de lanças”.

\*

Os persas são mencionados pela primeira vez na história nos registros de Salmanasar III, o poderoso rei da Assíria (correspondente ao norte do atual Iraque; 859 a.e.c.-824 a.e.c.), que afirmou ter recebido tributo de 27 cãs do *Parsuwash* – “homens da terra de *Pārsa*”. A palavra “*Pārsa*” deriva da antiga palavra indo-iraniana *Pārcwa*, que significa “costela”, de modo que, etimologicamente, os persas eram o “povo da terra da costela”, o que provavelmente é uma referência à grande caixa torácica de montanhas que formava a imensa cordilheira de Zagros, em cuja sombra os persas se estabeleceram. No Irã de hoje, a mesma área é conhecida como Província de Fārs – originalmente conhecida como “*Pārs*” –, embora a antiga terra do povo *Pārsa* fosse provavelmente muito menor do que a grande e próspera província dos tempos modernos.

No norte do Irã, os medos expandiram seus territórios com sucesso por meio de proezas militares, mas, no sul, os persas enfrentaram uma situação muito diferente. Quando se estabeleceram na área de Pãrs, entre 1200 e 1000 a.e.c., os persas se depararam com os elamitas, que eles chamavam de *Uja* ou *Huja*. Na época da chegada dos persas, grande parte da região era habitada por uma população elamita. Isso poderia ter resultado em hostilidades, mas a guerra não estava nos planos. Entre os dois povos se desenvolveu um longo período de coabitação pacífica e cooperativa. Cada vez mais, investigações arqueológicas têm fornecido evidências que comprovam essa ideia, em especial nas valiosas descobertas de um túmulo da elite neelamita tardia em Arjan (c. 650 a.e.c.-630 a.e.c.), situado nas proximidades da atual Behbahan, na fronteira leste da província do Cuzistão. O túmulo foi encontrado em 1982, e, no seu interior, arqueólogos desenterraram uma série de inigualáveis obras-primas artísticas. Havia tigelas e taças de ouro e prata, pulseiras, um punhal fino, um anel cerimonial, um candelabro e até mesmo tecidos de algodão (os primeiros a serem encontrados no Oriente Próximo), cravejados com refinados apliques de ouro. Do ponto de vista estilístico, os objetos revelaram influências artísticas assírias e fenícias, mas está claro que todos os produtos foram criados por uma única oficina local e confirmam a existência de uma “escola de Arjan” de artesãos, que traziam os resquícios da antiga civilização elamita para se misturar com a população persa recém-estabelecida.

Um vínculo cultural especialmente forte entre as tribos persas e os elamitas surgiu em uma área da planície de Elam chamada Anshan (*Yanzhan*, em persa antigo). Centrada no local onde hoje fica a área de Tal-e Malyan, quarenta quilômetros ao norte de Shiraz e quarenta quilômetros a oeste de Persépolis, na planície de Ramjerd, Anshan se estendia até as áreas tribais da Pérsia. De fato, essas duas terras eram tão integradas que, nas fontes, “Anshan” e “Pãrsa” podem ser tomados como sinônimos. Evidências sugerem que colonos persas estabeleceram um importante centro de poder em Anshan sob o governo de um cá chamado Teíspes, de quem não sabemos nada além do fato de que ele tinha um nome iraniano (Tishpish) e era considerado o rei de Anshan e, portanto, mais tarde foi considerado como o pai ancestral da dinastia Anshanita ou Teíspida. Como cãs de Anshan, os primeiros governantes



persas foram facilmente atraídos para a órbita culturalmente dominante dos sofisticados elamitas, e é certo que durante o século VII e início do VI a.e.c. uma interdependência geopolítica emergiu entre Elam e o sul do Irã. Resta pouca dúvida de que os elamitas formam o “elo perdido” na cadeia do desenvolvimento ideológico persa, ou seja, a maneira pela qual os persas se desenvolveram como uma cultura distinta. Os persas foram os verdadeiros herdeiros dos elamitas.

Uma inscrição assíria datada do final da década de 640 a.e.c., que relata a destruição de Susa pelo assírio Assurbanipal, menciona um rei da Pérsia chamado Kurash. Por comparação cronológica, ele pode ser reconhecido como Ciro I de Anshan – avô de Ciro, o Grande, o famoso fundador do Império Persa. O rei assírio afirmou que “Ciro [I], o rei da Pérsia, ouviu falar da minha força. Ele tomou ciência do meu poderio [...] Ele implorou para se submeter ao meu domínio”. A fim de bajular Assurbanipal, Ciro enviou seu filho Arukku a Nínive como prova de obediência à Assíria. Arukku passou vários anos como refém real – um “convidado do rei” –, longe de casa na Assíria. Em todo o antigo Oriente Próximo essa era uma forma comum de “troca real”, um sistema de tributo que pretendia tornar os Estados vassalos mais leais à autoridade central. Esperava-se que, depois de ser educado nos modos e costumes da Assíria, o príncipe Arukku pudesse retornar em segurança à Pérsia completamente “assirianizado”, para governar como um leal suplicante de seu mestre assírio. Nos registros históricos nada mais se ouve falar a respeito de Arukku, e, se ele recebeu uma educação ao estilo assírio, isso não teve serventia alguma para a Pérsia. O príncipe provavelmente morreu em Nínive.

No período por volta de 650 a.e.c.-610 a.e.c., Ciro I era, ao mesmo tempo, rei de Anshan e o senhor tribal, ou cã, do povo pasárgada. Havia vários chefes tribais ao lado de Ciro que ostentavam o título *Khshayathia Parsaiy*, “Rei na Pérsia”, mas, a julgar pela inscrição de Assurbanipal, que parece reconhecer Ciro como o *único* rei, os assírios interpretaram mal o título e lhe deram a conotação de soberania sobre todo o território persa. Heródoto se aproximou mais da realidade porque, mesmo de fora, entendeu que o povo nômade do Irã fazia parte de uma enorme e complexa rede de tribos. Observou que dentro da Pérsia havia três tribos (*genea*, em grego) principais e mais influentes: os *pasargadae* (pasárgadas

ou pasagárdios; em persa antigo, *Pāthra-gadā* – “aqueles que empunham clavas pesadas”), os *maspianos* (em persa antigo, *Ma-aspa* – “com cavalos”), e os *maráfios* (em persa antigo, *Ma-arafa* – “com carros de guerra”). Heródoto observou que, “De todas as tribos, os pasárgadas são os mais notáveis, pois contêm o clá [*phratría*] [...] do qual descendem os [...] reis”. Embora Heródoto tenha utilizado o vocabulário grego para designar os grupos e hierarquias das tribos, é possível reconhecer em sua terminologia uma genuína estrutura social iraniana. Todas as tribos iranianas se baseavam na norma da família patrilinear (em persa antigo, *taumā*). Um grupo de famílias constituía um clá (em persa antigo, *vith* – que também pode ser traduzido como “família” ou “dinastia”); os clás se agrupavam em uma tribo (em iraniano antigo, *zantu*), que era definida tanto em termos genealógicos (por meio de parentes de sangue) quanto espaciais (via aquisição de terras). Cada tribo e cada clá tinham seu próprio território sob a liderança de um cã tribal (em iraniano antigo, *zantupati*), como Ciro I.

Um pequeno e fascinante selo cilíndrico, cuja impressão pode ser vista numa tabuleta de argila encontrada em Persépolis, coloca Ciro I diretamente em seu contexto histórico. Há nela uma única inscrição em cuneiforme elamita: “Kurush de Anshan, filho de Tishpish”. No centro da cena está Ciro I, o guerreiro a cavalo, erguendo sua lança e cavalgando sobre os cadáveres de dois inimigos que jazem de braços abertos no chão. Um terceiro oponente, diante de Ciro, é esfaqueado e morto. Ciro I se considerava principalmente um vigoroso cavaleiro-guerreiro.

Infelizmente, não sabemos quase nada sobre Cambises I, filho de Ciro I, embora ele também fosse rei de Anshan e cã dos pasárgadas (c. 600 a.e.c.-559 a.e.c.). Não existem referências a ele escritas durante sua vida, e ele só aparece em inscrições posteriores que datam do reinado de seu filho Ciro, o Grande. Em uma dessas inscrições descobertas em Ur,<sup>1</sup> no sul da Mesopotâmia, Ciro, o Grande, afirmou que ele era o “filho de Cambises, rei da terra de Anshan”, e nos tijolos de Uruk está impressa a afirmação de que Ciro era o “filho de Cambises, rei poderoso”. Seu governo viu a intensificação das tensões entre a Pérsia e a

---

1 As ruínas da cidade-Estado suméria de Ur ficam no atual monte Tall al-Muqayyar, na província de Dhi Qar, no Iraque. [N.R.]

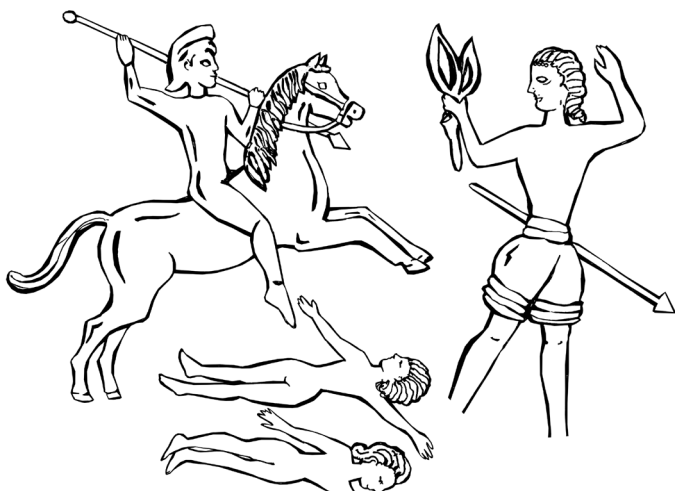


Figura 2. Ciro I de Anshan derrota seus inimigos. Impressão de selo.

Média à medida que o medo Astíages iniciou uma agressiva política de tomada de terras visando à aquisição de territórios persas e babilônicos.

Sob o comando de Ciaxares, os medos entraram na Pérsia na década de 620 a.e.c., enquanto ele tentava forjar alianças tribais para sua campanha contra a Assíria. Uma vez na Pérsia, os medos nunca mais foram embora. A cada vitória militar, se sentiam poderosos o suficiente para cobrar tributos de seus vizinhos persas, bem como dos hicarnianos, dos sacas e dos partos. A partir de então, os persas foram obrigados a reconhecer a supremacia meda. Sob o comando de Astíages da Média, campanhas de tomada de terras resultaram na invasão do norte da Síria (em torno da atual fronteira sírio-turca), que fazia parte do império da Babilônia, e assumiram o controle dos grandes centros religiosos de Arbela e Hará. Os medos destruíram santuários e deportaram centenas de prisioneiros. Uma estela descoberta na Babilônia relata detalhes da devastação que eles provocaram:

Sem temor, o rei dos medos destruiu os templos de todos os deuses [...] e as cidades com santuários no território de Acádia [...]; ele destruiu cada um de seus santuários de adoração, devastando seus centros de culto como uma inundação. O rei da Babilônia, para quem o sacrilégio é uma abominação, não levantou a mão contra

os cultos de nenhum dos deuses, mas ficou de cabelos despenteados e dormiu no chão.

O rei da Babilônia, Nabucodonosor, decretou luto real pela destruição dos santuários. Em resposta à aniquilação e para impedir que os medos avançassem ainda mais Mesopotâmia adentro, os babilônios ergueram uma muralha – de cerca de trinta metros de altura em certos trechos – entre os rios Tigre e Eufrates. Era uma expressão tangível da mentalidade da guerra fria que existia entre os dois Estados.

Em Jerusalém, sentindo a ameaça da invasão babilônica, o profeta Jeremias visualizou com certa alegria a inevitável queda da Babilônia nas mãos dos impiedosos medos. E lançou um alerta à Mesopotâmia:

Eis que um povo vem do norte! [...] Eles armam-se de arco e lança; são cruéis, e não têm piedade; o ruído de seu tropel é como o bramido do mar. Chegam montados em cavalos, em formação de batalha para destruí-la, ó, Babilônia. Ao ouvir os relatos sobre eles, o rei da Babilônia foi tomado de angústia. Ao estrondo da tomada da Babilônia estremeceu a terra; e o grito se ouvirá entre as nações. Assim diz o Senhor: “Levantarei um vento destruidor contra a Babilônia. Enviarei estrangeiros para a Babilônia a fim de peneirá-la como trigo e devastar a sua terra”.

Tudo levava a crer que uma guerra entre Astíages da Média e Nabucodonosor era inevitável. Ambos reconheciam que a guerra era um negócio dispendioso, mas os cofres da Babilônia estavam abarrotados com os despojos da Assíria, e os recursos da Média acabavam de ser reabastecidos com os espólios de Harã e Arbela. Astíages pressionou ainda mais os seus subordinados para que o municiassem de homens e recursos financeiros. Sobretudo a Pérsia foi coagida a fornecer apoio, embora Astíages rapidamente reconhecesse que, por seu vínculo com Elam – em si uma base segura na baixa Mesopotâmia –, o rei de Anshan precisava ser tratado de maneira diferente, sem dúvida com mais deferência. Para esse fim, por volta de 598 a.e.c., Astíages cedeu a Cambises I de Anshan, o chefe tribal, uma de suas filhas, a princesa Mandane, como esposa. Por meio do casamento, Astíages e Cambises firmaram um contrato de

fidelidade mútua. Cambises foi o maior beneficiado: seu vínculo familiar com o rei dos medos lhe granjeou certa autoridade sobre os outros chefes de clãs persas e, para todos os efeitos, o casamento com Mandane elevou Cambises, entre os poderosos cãs, à indiscutível posição de *primus inter pares*.<sup>2</sup>

# CRÍTICA

---

2 Expressão latina: *primeiro entre os iguais*, a pessoa que tem maior dignidade ou experiência entre outras do mesmo nível ou ofício. [N.T.]